



## SEÇÃO ARTIGOS

**Ética e caos: a subjetividade humana na trilogia de MaddAddã, de Margaret Atwood***Ethics in chaos: human subjectivity in Margaret Atwood's MaddAddam trilogy**Ética y caos: la subjetividad humana en la trilogía de MaddAddam, de Margaret Atwood***Eugênia Adamy Basso<sup>1</sup>**[orcid.org/0000-0003-4153-1089](https://orcid.org/0000-0003-4153-1089)  
[geninha.ab@gmail.com](mailto:geninha.ab@gmail.com)**Eduardo Marks de Marques<sup>1</sup>**[orcid.org/0000-0002-3067-7237](https://orcid.org/0000-0002-3067-7237)  
[eduardo.marks@ufpel.edu.br](mailto:eduardo.marks@ufpel.edu.br)**Recebido em:** 25 maio. 2025.**Aprovado em:** 21 jul. 2025.**Publicado em:** 07 nov. 2025.

**Resumo:** A distopia, em seu relativamente à sociedade, envolve um cenário pessimista que geralmente é resultante de uma utopia. Assim, o contexto distópico vivenciado na trilogia de *MaddAddã* (2013) apresenta uma intensificação da manipulação tecnológica e da expansão do sistema capitalista junto a um Estado enfraquecido pelo domínio de grandes corporações. Fatores advindos dessa guinada ao neoliberalismo englobam maior desigualdade social, destruição, escassez dos recursos naturais e violência. Com a expansão das inovações tecnológicas, fomenta-se a noção utópica transumana de melhoramento humano, distanciando os corpos de sua organicidade. Desse modo, em meio ao caos e à alienação dos sujeitos, observa-se que uma crise ética se instaura na trilogia, que condena as ações humanas e sua subjetividade como as responsáveis pela falência da sociedade, propondo a extinção da espécie como uma solução ao Antropoceno. Sendo assim, este trabalho busca uma reflexão sobre os desdobramentos da ética em meio ao caos social ligado à subjetividade humana, destacando como a trilogia de *MaddAddã* oferece uma crítica às consequências de uma sociedade que alia a tecnologia desenfreada a um capitalismo predatório. Ao explorar os dilemas éticos e morais que emergem nesse cenário, a obra provoca reflexão sobre o futuro caótico da humanidade e a destruição dos sistemas sociais e ambientais, questionando se o caminho traçado pelo desenvolvimento atual pode realmente ser sustentado na visão de progresso ou de colapso total. A trilogia, assim, não só narra uma história em meio ao Antropoceno, mas também funciona como um alerta para os perigos iminentes das escolhas subjetivas e antiéticas da humanidade.

**Palavras-chave:** ética; subjetividade; distopia.

**Abstract:** Dystopia, in its concept as a society, involves a pessimistic scenario that is usually the result of a utopia. Thus, the dystopian context experienced in the *MaddAddam* trilogy (2013) presents an intensification of technological manipulation and the expansion of the capitalist system alongside a state weakened by the dominance of large corporations. Factors arising from this turn towards neoliberalism include greater social inequality, destruction, scarcity of natural resources, and violence. With the expansion of technological innovations, the transhuman utopian notion of human enhancement is fostered, distancing bodies from their organic nature. In this way, amidst the chaos and alienation of individuals, an ethical crisis is observed to establish itself in the trilogy, which condemns human actions and subjectivity as responsible for the collapse of society, proposing the extinction of the species as a solution to the Anthropocene. Therefore, this work seeks to reflect on the developments of ethics amid social chaos linked to human subjectivity, highlighting how the *MaddAddam* trilogy offers a critique of the consequences of a society that combines unrestrained technology with predatory capitalism. By exploring the ethical and moral dilemmas that emerge in this scenario, the work provokes reflection on the chaotic future of humanity and the destruction of social and environmental systems, questioning



whether the path taken by current development can truly be sustained under the vision of progress or total collapse. Thus, the trilogy not only narrates a story amid the Anthropocene but also serves as a warning of the imminent dangers of humanity's subjective and unethical choices.

**Keywords:** Ethics; Subjectivity; Dystopia.

**Resumen:** La distopía, en su concepto como sociedad, implica un escenario pesimista que generalmente resulta de una utopía. Así, el contexto distópico vivido en la trilogía de *MaddAddam* (2013) presenta una intensificación de la manipulación tecnológica y de la expansión del sistema capitalista junto a un Estado debilitado por el dominio de grandes corporaciones. Factores derivados de este giro hacia el neoliberalismo incluyen mayor desigualdad social, destrucción, escasez de recursos naturales y violencia. Con la expansión de las innovaciones tecnológicas, se fomenta la noción utópica transhumana de mejora humana, distanciando los cuerpos de su organicidad. De este modo, en medio del caos y la alienación de los sujetos, se observa que se instaura una crisis ética en la trilogía, que condena las acciones humanas y su subjetividad como responsables del colapso de la sociedad, proponiendo la extinción de la especie como una solución al Antropoceno. Por lo tanto, este trabajo busca una reflexión sobre los desarrollos de la ética en medio del caos social ligado a la subjetividad humana, destacando cómo la trilogía de *MaddAddam* ofrece una crítica a las consecuencias de una sociedad que combina la tecnología desenfrenada con un capitalismo depredador. Al explorar los dilemas éticos y morales que emergen en este escenario, la obra provoca una reflexión sobre el futuro caótico de la humanidad y la destrucción de los sistemas sociales y ambientales, cuestionando si el camino trazado por el desarrollo actual puede realmente ser sostenido bajo la visión de progreso o de colapso total. Así, la trilogía no solo narra una historia en medio del Antropoceno, sino que también funciona como una advertencia sobre los peligros inminentes de las elecciones subjetivas y antiéticas de la humanidad.

**Palabras clave:** ética; subjetividad; distopía.

A distopia permeia diferentes realidades ao longo do tempo, apresentando-se como uma ameaça a determinado grupo, um lugar ruim, indo além da área da literatura ou cinematografia. No século XX, a distopia ganha fôlego como gênero literário devido ao pessimismo e à falta de perspectivas consequentes da Primeira e da Segunda Guerras Mundiais. Os governos totalitários, em busca de uma equiparação social, eliminam as individualidades, proíbem o pensamento crítico e os sentimentos humanos. Os clássicos *Nós* (1924), de Ievguêni Zamiátin, *1984* (1949), de George Orwell, e *Fahrenheit 451* (1953), de Ray Bradbury, narram a castração da subjetividade dos sujeitos e seu controle por meio da força e da

violência, tornando-se cânone das distopias do século vinte. O progresso científico e a carência de experiências também se mostraram pontos preocupantes da modernidade. No clássico *Admirável Mundo Novo* (1932), Huxley previu uma população vulnerável ao controle pelo Estado e pela tecnologia, ao esvaziamento de sentimentos e à manipulação por meio de uma falsa sensação de felicidade.

Por outro lado, nas distopias datadas da segunda metade do século XX, surgem ainda mais preocupações: a sociedade passa por cenários pós-apocalípticos, a natureza está degradada por conta do desenvolvimento econômico, Estado e corporações moldam ou limitam as minorias por meio da violência, beneficiam as elites, manipulam e usam a tecnologia conforme seus interesses próprios. A desigualdade social se acentua em virtude da ascensão do capitalismo e, à margem, os indivíduos buscam acolhimento ou pertencimento a grupos identitários ou religiosos. O natural está escasso: os alimentos são artificiais, o corpo é esteticamente modificado e a engenharia genética busca um ideal de pós-humanidade.

Nesses cenários de transformações, os sujeitos em dessubjetivação se encontram ora no papel de controladores, ora no papel de controlados. Portanto, o objetivo deste artigo é analisar a importância da subjetividade humana para os desdobramentos da ética em meio ao caos social. Sendo assim, é necessário primeiramente pensar no papel do indivíduo na sua tomada de decisões: toda sociedade se organiza conforme princípios individuais e coletivos, envolvendo o convívio entre grupos e a liberdade de cada um. Nessa configuração, faz-se presente a ética, necessária ao pensamento e à regência das ações humanas:

Podemos dizer que a ética é a reflexão acerca dos nossos atos enquanto pretendemos que eles tenham um sentido que vá além deles mesmos. A ética é, assim, o contrário do vazio da ação que experimentamos no dia a dia. Assim como a filosofia é o contrário do vazio do pensamento. [...] a ética implica sempre a pergunta acerca de nós mesmos enquanto somos construtores de um entre-nós que nos autoliberta. A esse lugar do entre-nós chamamos de relação (Tiburi, 2016, p. 113).

Para a filósofa, as reflexões éticas resultam em ações éticas. Desde a modernidade, a sociedade ocidental sofre com uma crise ética, pois as pessoas vivem um esvaziamento de pensamento, ação e linguagem. Percebe-se um individualismo que segue na contramão da verdade, o narcisismo capitalista, a banalidade do mal, a anestesia do sujeito. A ética percorre a instância da subjetividade<sup>2</sup> e, por isso, é necessária uma reflexão sobre como os seres humanos se constituem dentro de um sistema de relações com o outro: "Ações vazias são aquilo que podemos chamar de pseudoatividade. Ela diz respeito à pobreza da ação que revela o profundo empobrecimento da experiência a que somos diariamente submetidos na ordem dos valores meramente econômicos" (Tiburi, 2016, p. 104).

Onde não há pensamento crítico, não há responsabilidade e experiência. Quando há um esvaziamento da subjetividade humana, há um abandono da experiência individual. A experiência está diretamente relacionada ao exercício do pensamento e da consciência do sujeito sobre si e seu lugar no mundo, sendo fundamental para a ética – para haver ética, é fundamental a autonomia da reflexão:

A experiência seria o meu saber (sensível e intelectual) que me permitiria o encontro com o que sou e com o momento impessoal do que vivo. A pobreza da experiência assume, certamente, o desenho do espírito de nossa época, voltado apenas para a novidade da mercadoria e para a conservação do mais-do-mesmo (Tiburi, 2016, p. 83).

Sendo assim, o enfraquecimento da capacidade de experiência é um fator marcante na trilogia *MaddAddão* (2019), de Margaret Atwood, o que ocasiona variados conflitos éticos em um universo em que humanos e pós-humanos convivem em meio ao caos. Em *Oryx e Crake* (2003), primeiro livro da trilogia, as multinacionais comandam a sociedade e crescem às custas da exploração dos trabalhadores e também das falsas pro-

messas às massas ao utilizá-las como cobaias para a ciência, objetivando lucro. O protagonista Jimmy, conhecido como Homem das Neves, relembra da história que levou a sociedade onde vivia à completa destruição, deixando-o sozinho em meio a um cenário pós-apocalíptico que o obriga a dividir espaço com uma comunidade de pós-humanos, os *crakers*, fruto de um projeto criado por seu amigo de faculdade, Crake. *Ano do Dilúvio* (2011b), segundo livro da trilogia – diferentemente do primeiro livro, que se passa na segurança dos grandes complexos científicos –, tem seu espaço fora da área protegida e privilegiada da sociedade, tendo como foco a população periférica, onde vivem os chamados "ratos da plebe". Desse modo, prostitutas, ladrões, bêbados, mendigos, a fome, a miséria, a sujeira e a violência convivem diariamente. Em *MaddAddão* (2013), fechamento da trilogia, os personagens humanos sobreviventes do experimento destrutivo de Crake dividem espaço com novos seres, os *crakers*, o que gera determinados conflitos de percepções sobre o mundo.

Uma das faces da crise ética apresentada nos romances se encontra na banalidade do mal e na carência de experiências que os protagonistas vivem, o que resulta em uma sociedade falida, responsável por sua própria ruína. Desse modo, o protagonista Crake, responsável pela tentativa de aniquilação da humanidade, justifica que a própria subjetividade é uma característica negativa da espécie humana e, ao criar a população dos *crakers*, Crake visa à dessubjetivação humana em nome de unicamente preservar suas condições biológicas.

Com a atual centralidade do medo do fim do mundo – e partindo do argumento de que toda distopia é crítica –, podemos observar uma visão de distopia que se distancia desse tropo de progresso humano: em lugar de apresentar uma crítica a nossa incompetência para construir ou organizar uma sociedade melhor, algumas narrativas distópicas sugerem que é a espécie humana que constitui impe-

<sup>2</sup> Ao tratar-se de *subjetividade*, entende-se o termo a partir do desenvolvimento pessoal do sujeito quando em encontro com o Outro, com o meio social e natural. São utilizados os estudos de Félix Guattari e Suely Rolnik (1996) que tratam da subjetividade como processo que envolve múltiplos componentes heterogêneos resultantes numa compreensão parcial do sujeito, que os emite em uma troca viva de relações com o mundo.

dimento para uma vida planetária harmoniosa (Penteado; Torres, 2023, p. 22).

O trecho supracitado dialoga com o ideal defendido pelo personagem Crake, reforçando que esse estilo de distopia tem um caráter messiânico, o qual aponta o cenário pós-apocalíptico como uma redenção, uma oportunidade de reconstrução. Para Crake, a subjetividade é a responsável pelos defeitos da raça humana, pois gera sentimentos, complexidades, possibilidade para atritos. Desse modo, aposta em um projeto de melhoramento da espécie, buscando recursos da engenharia genética para um ideal de pós-humano.

Os transumanistas consideram a natureza humana não como um fim em si mesma, nem como perfeita, e não como tendo qualquer direito à nossa lealdade. Pelo contrário, é apenas um ponto ao longo de um caminho evolutivo no qual podemos aprender a remodelar nossa própria natureza de maneiras que consideramos desejáveis e valiosas. Ao aplicar a tecnologia de maneira pensativa, cuidadosa e, ainda assim, ousada, podemos nos tornar algo que não é mais descrito precisamente como humano – podemos nos tornar pós-humanos. Tornar-se pós-humano significa superar as limitações que definem os aspectos menos desejáveis da "condição humana" (More, 2013, p. 4, tradução minha<sup>3</sup>).

Para Max More, a natureza é apenas uma etapa do caminho humano. Por meio da tecnologia, o indivíduo pode reformular sua própria condição biológica através da interdisciplinaridade de diferentes áreas tecnológicas que integram as ciências sociais e físicas. Assim, o foco é garantir melhor qualidade de vida por intermédio do melhoramento humano, assegurando a otimização de emoções, capacidades cognitivas, adaptabilidade, saúde física e mental com a colaboração de métodos da ciência da computação, engenharia genética, neurociência, inteligência artificial, medicina regenerativa e nanotecnologia. De acordo com a filósofa Francesca Ferrando,

"O melhoramento humano se refere à tentativa de superar as limitações biológicas do corpo humano, bem como desafiar as fronteiras do que a espécie humana tem historicamente sido considerada capaz de fazer nos níveis cognitivos e físicos, por exemplo" (2019, p. 133, tradução minha<sup>4</sup>).

Em contrapartida, ao ter-se o corpo físico como objeto foco da ciência, por vezes não se considera o fator principal do caráter de humanidade, que garante a experiência humana – a subjetividade. A subjetividade humana está diretamente relacionada à complexidade de cada indivíduo, o que compromete o exercício ético dos ideais transumanistas da obra. Em diálogo com *Oryx e Crake* (2003), o ideal da subjetividade humana é visto como um defeito danoso ao Planeta e, em vista disso, ao criar a população dos crakers para repovoá-lo, o personagem Crake aposta em seres destituídos de tal característica.

Os Crakers, como criaturas da bioengenharia, podem ser vistos como pós-humanos, mas, uma vez despojados dos elementos culturais que, segundo Crake, são a essência da humanidade, podem ser vistos como pré-humanos. Além disso, eles não podem interagir com a tecnologia, pois não há nenhuma em seu mundo, e sua curta vida útil é o oposto da eternidade ideal buscada pelo transumanismo. O projeto de transumanismo de Atwood é, também (e ao mesmo tempo), pós-humano e pré-humano (Marques, 2017, p. 185).

No fragmento supracitado, Eduardo Marques (2017) aponta para um paradoxo na constituição dos crakers, tendo em vista que, apesar de terem sido criados a partir da genética humana, não carregam consigo uma característica inata da humanidade e sua subjetividade: a capacidade de produzir cultura. Para Crake, a subjetividade é a responsável pelos defeitos da raça humana porque resulta em passionalidades e atritos. A longevidade – elemento foco do transumanismo – é algo a ser eliminado na geração dos crakers, tendo em vista que o propósito da existência é

<sup>3</sup> "Transhumanists regard human nature not as an end in itself, not as perfect, and not as having any claim on our allegiance. Rather, it is just one point along an evolutionary pathway and we can learn to reshape our own nature in ways we deem desirable and valuable. By thoughtfully, carefully, and yet boldly applying technology to ourselves, we can become something no longer accurately described as human – we can become posthuman. Becoming posthuman means exceeding the limitations that define the less desirable aspects of the 'human condition'".

<sup>4</sup> "Human enhancement refers to the attempt to overcome the biological limitations of the human body, and to challenge the borders of what the human species has historically been considered capable of, for instance, on a cognitive and physical level".

a mera sobrevivência e reprodução. Ademais, a interação com a tecnologia, também em mau uso pela geração de Jimmy e Crake, é desconhecida pelos crakers. Portanto, jamais teriam contato com situação que outrora foram vivenciadas por Crake e Jimmy, como assistir a assassinatos virtuais, pornografia infantil, invasões *on-line* e roubo de dados: "O projeto de extinção humana de Crake é definitivamente contrário ao capitalismo tecnológico tardio e às desigualdades que ele cria" (Marques, 2017, p. 195).

Para Crake, o retorno à naturalidade biológica humana em condição de pré-humano é o caminho para um recomeço em meio ao fenômeno do Antropoceno, argumentado por Marques (2017) como momento em que o capitalismo atinge seu ápice de destruição ambiental, desigualdade, miséria, impactando todos os ecossistemas.

*Oryx and Crake* é distópico quando toda a raça humana é aniquilada. Antes disso, a mesma se dividia em duas partes: uma tecnocracia e uma anarquia. E, fiel à forma, também há uma pequena tentativa de utopia: um grupo de quase-humanos que foram geneticamente modificados para que nunca sofressem dos males que assolam o *Homo sapiens sapiens* (Atwood, 2011b, p. 1, tradução minha<sup>5</sup>).

Margaret Atwood (2011b) analisa os contextos de sua obra quando aponta para os momentos que viviam a humanidade antes do apocalipse provocado por Crake. A ciência transumanista, apoiada no capitalismo, castiga as camadas mais pobres da sociedade, resultando em grupos sociais abandonados à própria sorte. Os chamados "ratos da plebe", na plebelândia fora dos complexos, vivem em anarquia porque foram também negligenciados pelo Estado. A esperança da utopia – de modo a se tornar uma ustopia – está nos crakers. Ao contrário da condição de pós-humano, o objetivo de Crake ao projetar esses seres é retornar ao estado anterior ao humano, pois, em diálogo com Atwood (2011b), os problemas sociais e ambientais provocados pelo

capitalismo econômico são fruto exclusivamente da condição de humanidade. A condição de naturalidade da qual o humano se distancia em sua subjetividade é justamente a única alternativa para evitar problemas como perversão, crimes passionais, poluição e consumismo. Tal ideia está em conexão com o que Atwood (2011b) sugere quando defende que sua trilogia não é apocalíptica, visto que em mundos apocalípticos tudo é destruído, ao passo que no mundo destruído por Crake somente a raça humana é (quase) aniquilada. A visão proposta pela autora é de que a distopia do livro, na verdade, é a raça humana que ameaça a vida utópica e serena dos crakers em sua naturalidade.

Desse modo, percebe-se que a engenharia genética permeia a vida das personagens e seus espaços sociais nas distopias analisadas, estando diretamente associada a um grupo seletivo de indivíduos que a maneja com determinados objetivos e justificativas. Com relação a isso, os pesquisadores ingleses Michael Reiss, biólogo, e Roger Straughan, filósofo, argumentam (1996) que há dois tipos de referências no que concerne à ética e à moral da engenharia genética, extrínsecas e intrínsecas. Estas últimas (as mais poderosas), ao contrário das primeiras, baseiam-se na concepção divina de natureza, não relevando argumentações extrínsecas, as quais ponderam consequências futuras (ainda que imprevisíveis) de determinados atos. Assim, a engenharia genética deve levar em consideração uma linha extrínseca de pensamento:

Mesmo que se chegue a um acordo sobre as consequências prováveis (o que, como veremos, é raro), isso não responde automaticamente às questões morais e éticas. Ainda temos que perguntar o que é bom ou ruim, certo ou errado, sobre essas consequências e examinar as afirmações e suposições morais que as cercam. Nunca há apenas uma consequência para qualquer atividade, mas todo um conjunto de consequências, muitas vezes ocorrendo em momentos diferentes (Reiss; Straughan, 1996, p. 51, tradução minha<sup>6</sup>).

<sup>5</sup> "Oryx and Crake is dystopic in that almost the entire human race is annihilated, before which it has split into two parts: a technocracy and an anarchy. And, true to form, there is a little attempt at utopia in it as well: a group of quasi-humans who have been genetically engineered so that they will never suffer from the ills that plague *Homo sapiens sapiens*".

<sup>6</sup> "Even if agreement is reached about likely consequences (which, as we shall see, is rare) this does not automatically answer the moral and ethical questions. We still have to ask what is good or bad, right or wrong, about those consequences and examine the moral claims and assumptions surrounding them. There is never just one consequence to any activity but a whole set of consequences, often occurring at

Em seu trabalho, os pesquisadores esclarecem o papel da moral e da ética a respeito da engenharia genética, entendendo por *moral* um conjunto de valores de certo e errado para determinados indivíduos e a ética um exercício de pensamento a analisar e justificar os princípios apresentados pela moral. Desse modo, a linha da engenharia genética deve seguir um pensamento ético na prática da moral ao levantar os valores de certas consequências possíveis a cada procedimento científico a ser praticado. No exercício da ética, cai-se no relativismo, pois depende de determinado ponto de vista:

A ética não pode, então, oferecer respostas conclusivas sobre a correção ou incorreção da engenharia genética, pois a ética não pode fornecer a "prova" final desse tipo. [...] Os julgamentos morais podem ser argumentados a favor ou contra, criticados ou defendidos e mostrados como mais ou menos racionais e informados, mas sua correção ou incorreção nunca pode ser estabelecida de forma abrangente (Reiss; Straughan, 1996, p. 48, tradução minha<sup>7</sup>).

Desse modo, ao pensar-se que o exercício da ética no movimento da engenharia genética leva ao relativismo conforme ponto de vista e de que dificilmente haverá um posicionamento pleno e absoluto acerca de o que é certo ou errado, é necessário, segundo os autores, apelar para a prática da comparação de riscos e seguranças para as partes envolvidas.

Mas como exatamente podem ser feitos julgamentos éticos sobre questões como risco e segurança? Resultados perigosos são apenas uma das possíveis consequências da engenharia genética; outros podem incluir o alívio da fome mundial ou a exploração de indivíduos e países economicamente vulneráveis. Qualquer avaliação ética da tecnologia em termos de suas possíveis consequências, então, terá que tentar pesar os custos e benefícios potenciais

de alguma forma. Esses custos e benefícios não podem, entretanto, ser puramente ou mesmo predominantemente econômicos ou financeiros, pois a ética não pode ser equiparada à contabilidade. Os custos e benefícios devem estar relacionados a uma gama mais ampla de considerações e, embora não haja consenso filosófico sobre a natureza e a extensão precisas, geralmente se pensa que incluam coisas como o bem-estar, os interesses, os direitos e as necessidades dos seres humanos (e talvez também de outros animais) (Reiss; Straughan, 1996, p. 58, tradução minha<sup>8</sup>).

Os autores relacionam a ética ao bem-estar, ao suprimento das necessidades humanas e ao direito individual dos seres, destacando que o ser humano, em sua racionalidade, se constitui da capacidade de exercer a ética, podendo ou não a estender aos demais animais. Nos exemplos citados pelos autores, ponderam-se dois elementos: o trabalho contra a fome mundial e, por outro lado, a exploração de países em subalternidade. Desse modo, a tomada de decisões baseada nessas reflexões fica nas mãos daqueles que têm maior poder econômico e social – e, portanto, o certo e o errado são fundamentados e praticados por uma parcela privilegiada.

Seguindo por essa linha de raciocínio, a discussão sobre o que é ético e verdadeiro dentro do mito de progresso científico carrega um *status* de seletividade, a partir da qual a dualidade de certo e errado resulta num foco na produção e no investimento na *performance* científica como produção que financia um sistema de lucro das grandes corporações capitalistas. Justamente em consonância com esse argumento, encontra-se a decisão de Crake, na trilogia aqui analisada, quando, em situação de superioridade social por ser um cientista no Projeto Paradise, ele inicia um projeto audacioso de criar, por meio da manipulação genética, uma nova espécie de

---

*different times*."

<sup>7</sup> "Ethics cannot, then, offer conclusive answers about the rightness or wrongness of genetic engineering for ethics cannot provide final 'proof' of this kind. One cannot prove that the hungry ought to be fed in the same way that one can prove that lack of food causes death. Moral judgments may be argued for or against, criticised or defended, and shown to be more or less rational and informed, but their rightness or wrongness can never be comprehensively established".

<sup>8</sup> "But how exactly can ethical judgments be made about such issues as risk and safety? Dangerous outcomes are but one of the possible consequences of genetic engineering; others might include the alleviation of world hunger or the exploitation of economically vulnerable individuals and countries. Any ethical assessment of the technology in terms of its possible consequences, then, will have to attempt to weigh the potential costs and benefits in some way. These costs and benefits cannot, however, be purely or even predominantly economic or financial, for ethics cannot be equated with accountancy. The costs and benefits must relate to a wider range of considerations, and while there is no philosophical consensus over the precise nature and extent of these, they are usually thought to include such things as the welfare, interests, rights and needs of human beings (and perhaps also of other animals)".

pós-humanos sobre a terra.

No início, vocês viviam dentro do Ovo. Foi quando Crake criou vocês. [...] E o caos rodeava o Ovo, com muitas, muitas pessoas que não eram iguais a vocês. [...] E muitas eram pessoas más que praticavam crueldade e causavam dor umas nas outras, e também nos animais. [...] E fora do Ovo o caos estava em toda parte. Mas dentro do Ovo não havia o caos. Lá dentro era tranquilo (Atwood, 2019, p. 19).

O fragmento citado diz respeito à narração de Barba Negra, um representante da espécie dos crakers, responsável por perpetuar a história da origem e da propagação de sua população às demais gerações. Os crakers são uma espécie de pós-humano fruto do Projeto Paradise, cujo objetivo era eliminar a humanidade e todos os seus males, perpetuando somente as características positivas. Fisicamente são altos, resistentes às intempéries da natureza, como a luz solar e a escassez de alimentos, e são vegetarianos. Os crakers não carregam consigo a parte subjetiva amorosa, portanto, o ato sexual é puramente reprodutivo e periódico, com rituais de acasalamento. As relações conjugais e monogâmicas são abolidas da espécie pois são consideradas impulso para emoções negativas e passionais de violência. Além disso, em sua ideologia, os crakers não teriam religião ou cultura, marca essencial do ser humano. No entanto, tal situação se redesenha por conta de seu contato diário com Jimmy – O Homem das Neves.

Os crakers são movidos pela curiosidade que, mesmo não sendo uma característica unicamente humana, leva-os a desenvolver traços típicos de humanidade. Ao apresentar-se como Homem das Neves, Jimmy lhes conta histórias de seu surgimento, atribuindo a elas um caráter mitológico que omite a real brutalidade envolvida. Desse modo, surge uma das primeiras marcas culturais dos crakers, que é a conformação de um ritual no qual, em troca de uma história contada, o Homem das Neves recebe dos crakers um peixe. A partir de então, passam a desenvolver traços de

religiosidade, manifestando devoção a deuses, estando Crake na posição de deus criador e Oryx como deusa responsável por todos os animais.

Essa conexão com a religião e a cultura aproxima os crakers da condição de humanidade, questionando as limitações a que foram criados. Marques (2015) defende que a situação pós-apocalíptica é uma consequência que vai além do projeto de Crake de extinguir a humanidade, mas um resultado do capitalismo e seu assolamento, para a qual a população de crakers serviria como um retorno à natureza, de caráter utópico. Ainda assim, no projeto de repopulação da terra, os crakers não teriam contato com seres humanos, pois estariam preparados para viver em sua própria comunidade. No entanto, ao estabelecerem contato com humanos, o projeto segue outro rumo e ambas as espécies encontram afinidades, consolidando-se uma linha sutil que as separa.

Jimmy permite a entrada dos Crakers no mundo simbólico da cultura e, assim, um retorno humanidade (ou humanismo), cujos traços Crake tentou apagar em sua criação. A linguagem é, portanto, tanto restauradora quanto criativa, pois cria os mitos de origem dos crakers e, ao fazê-lo, restaura sua posição humana (Marques, 2015, p. 140, tradução minha<sup>9</sup>).

A tenuidade fica ainda mais evidente quando da participação da protagonista Toby nesse processo, introduzindo e consolidando a escrita na vida de Barba Negra, criança craker na obra *MaddAddão* (2013). Sabendo que a linguagem é uma ferramenta que liga o passado ao presente e ao futuro da humanidade; destaca-se tal elemento como uma característica nata do ser humano, diferenciando-o dos demais animais. Seguindo os passos de Jimmy, Toby é percebida como uma figura importante para os crakers, pois, além de representar força e sabedoria, também faz contação de histórias. Ao ensinar Barba Negra a ler e escrever, vislumbra um futuro desafiador, sabendo que, a partir da linguagem, as gerações de crakers se transformariam completamente, formando uma nova sociedade que talvez coa-

<sup>9</sup> "Jimmy allows the Crakers' entry into the symbolic world of culture and, thus, a return to humanity (or humanism), the very traces of which Crake tried to erase in his creation. Language is, thus, both restorative and creative, as it creates the Crakers' myths of origin and, by doing that, restores their human position".

bitaria com a sua.

Mais tarde, após a chuva, após o final da chuva, ela o encontra na caixa de areia [Barba Negra]. Ele segura uma vareta e o papel. O nome dele está escrito na areia. As outras crianças assistem. Todas cantam. O que fiz agora?, ela pensa. Abri uma lata de minhocas? São tão rápidas essas crianças: vão pegar isso e transmitir para todos os outros. O que virá depois? Regras, dogmas, leis? Testamento de Crake? Quanto tempo até que eles sintam que devem obedecer a textos antigos que se esqueceram de como interpretar? Será que os arruinei? (Atwood, 2019, p. 242).

O receio de Toby também é com seus próprios registros, preocupando-se se seriam lidos e tomados como verdade sobre sua origem, pois alimentava um diário com todos os relatos sobre a história do apocalipse e os primórdios dos crakers. Além do mais, Toby possivelmente enxerga os crakers como humanizados, pois já projeta um futuro estruturado nos moldes de sua sociedade. No fragmento citado, Barba Negra representa a aptidão da aprendizagem, em um papel de aculturação, enquanto Oryx, Toby e Jimmy transferem hierarquicamente seus conhecimentos. Posteriormente, transgredindo os objetivos iniciais do projeto de Crake, Barba Negra se torna o primeiro craker a desenvolver a escrita, resgatando a história de seu povo e incorporando-a em cultos: "E agora acrescentei as Palavras, e coloquei as coisas que aconteceram depois que Toby deixou de fazer qualquer Escrita e as coloquei no Livro. E fiz isso para que todos saibam dela, e de como começamos a existir" (Atwood, 2019, p. 439). Desse modo, firma-se uma característica cultural e religiosa: Barba Negra narra as histórias do seu povo e eles encerram tal momento por meio de cantoria.

O uso da linguagem para construção e intercâmbio cultural é uma habilidade nata do ser humano, atribuindo-lhe, assim, marcas identitárias que lhe conferem subjetividade. Ainda que os crakers tenham sido arquitetados com genes humanoides, suas características animais provocam estranheza e repulsa aos humanos em um primeiro contato. Ademais, ainda que os momentos entre Toby, Jimmy e os crakers tenham sido de trocas de experiências, também houve

episódios conflituosos que levantam questionamentos éticos entre essas duas espécies.

Em *MaddAddão* (2013), Amanda, melhor amiga da protagonista Ren, descobre estar grávida e encara tal situação como um problema, pois foi recorrentemente violentada por Painballers (ex-prisioneiros das grandes corporações, que eram forçados a lutar uns contra os outros até a morte, em nome de entretenimento) e, também, em um episódio isolado e desorientado, foi alvo de ritual de acasalamento de um grupo de crakers. Quando Amanda é resgatada e levada até um acampamento com demais humanos sobreviventes, inicia-se um trabalho de readaptação, pois a vítima está em choque. Posteriormente, após um teste positivo de gravidez, insiste que não deseja manter a gestação porque o bebê seria fruto de violência de um Painballer ou de uma relação sexual com um ser de outra espécie.

Pobre Amanda. Quem podia esperar que ela tivesse o filho de um assassino de criança? Um filho dos estupradores, dos torturadores dela? Embora seja possível uma paternidade diferente. Toby se lembra das flores, do cantinho, do amontoado entusiasmado de crakers à luz da fogueira naquela caótica noite de santa Juliana. E se Amanda carrega um bebê craker? Será possível? Sim, a menos que eles sejam de uma espécie completamente diferente. Mas, se é assim, não seria perigoso? As crianças crakers possuem um relógio de desenvolvimento diferente, elas crescem muito rápido. E se o bebê crescer demais e com muita rapidez e não conseguir sair? E agora não existem mais hospitais. Nem médicos. E sem instalações adequadas será como um parto dentro de uma caverna (Atwood, 2019, p. 254).

Os crakers, ao chegarem perto de Amanda, percebem que ela está gerando uma criança, afirmando que sua "caverna de osso" não está mais vazia, e que isso é gratificante. A interpretação da situação de Amanda por parte dos crakers é antagônica às similaridades que eles apresentam com os humanos no que concerne a religiosidade, aquisição de linguagem e desenvolvimento cultural. Entretanto, sua parte biológica e instintiva é animalésca, assimilando que uma mulher craker ou humana (devido às correlações genéticas) em período de ovulação está automaticamente pronta para copular. Desse modo, conforme as

memórias de Toby no fragmento anteriormente citado, para os crackers, o sexo nada mais é que algo natural e reprodutivo, sem mais intenções. Segundo Marques (2015), apesar da aquisição de linguagem e desenvolvimento cultural, os crackers não conseguem se desvencilhar de seu lado instintivo biológico animal, havendo, assim, um mal-entendido entre as espécies.

É importante mencionar, porém, que em momento algum a palavra estupro é usada ao longo da narrativa para descrever o ato sexual, o que é irônico por dois motivos. Primeiro, porque transmite o entendimento de que ambas as partes precisam saber (como em ter o conhecimento cultural) de estupro para que uma relação sexual forçada possa ser considerada tal; em segundo lugar, porque o estupro é uma das práticas que Crake usa como exemplo de coisas para erradicar através da criação de criaturas desprovidas de cultura (Marques, 2015, p. 142, tradução minha<sup>10</sup>).

Os crackers foram planejados para resistir a qualquer sentimento de poder hierárquico que acompanha a constituição humana. É sabido que a relação de estupro não está diretamente associada ao desejo, mas à necessidade de autoafirmação de poder sobre corpos mais vulneráveis. Desse modo, deixa de estar associada ao instinto, está relacionada ao âmbito cultural, sendo uma prática de violência exclusivamente humana.

Acima das expectativas e conhecimento acerca do tema, o estupro é muito mais difundido do que temos notícia, sendo praticado por homens, em sua grande maioria, que possuem plenas faculdades mentais de escolher praticá-lo ou não, e incentivado por uma série de mecanismos culturais (Sousa, 2017, p. 11).

A pesquisadora Renata Sousa dedica seu estudo a entender como o estupro é promovido culturalmente pela mídia e como resulta de manifestações de violência simbólica, a qual permeia países ocidentais e orientais. Assim, conclui que o estupro é fruto de uma divisão hierárquica patriarcal entre homens e mulheres em sociedades nas quais o corpo feminino é visto como

objeto tolerante de livre acesso – ideia cultivada desde cedo, quando a criança passa a entender e internalizar a separação socialmente imposta dos gêneros feminino e masculino.

Desse modo, dificilmente se pode atribuir aos crackers um caráter antiético pela relação sexual com Amanda, tendo em vista que foi fruto de uma incompatibilidade cultural e de não reconhecimento como humanos. A prática do estupro, advinda das relações hierárquicas de poder, subordinação e de banalização da violência, também se associa à crise ética sobre a qual se estabeleceram as diferenças nas construções sociais da humanidade. Estando a ética concatenada à reflexão em nome do respeito e da boa vida, é uma investigação humana que trata de questionar sua própria conduta, não se estendendo ao julgamento de outras espécies.

Em contrapartida, o julgamento ético é aplicável aos Painballers, que, na obra, diferentemente dos crackers, são nomeados “estupradores”: “Pobre Amanda. Quem podia esperar que ela tivesse o filho de um assassino de criança? Um filho dos estupradores, dos torturadores dela?” (Atwood, 2019, p. 254). Sendo o estupro um fruto da violência humana, é utilizado por esses homens como modo de reafirmação de sua posição de força e poder em um ambiente hostil de busca pela sobrevivência num contexto pós-apocalíptico. Posto isto, após serem capturados pelo grupo de Amanda, inicia-se uma discussão entre os membros sobre o destino dos estupradores, sendo a pena de morte uma das opções:

Os prisioneiros não estão presentes. Nem precisam estar: o que fizeram não está em questão. O julgamento é apenas sobre o veredicto.

– Então, estamos aqui para decidir o destino deles – diz Zeb. – Que azar não termos podido acabar com eles no calor da jornada, mas já que é assim precisamos tomar algumas decisões a sangue-frio. Votar agora, alguma discussão?  
– Eles são prisioneiros comuns? – diz Toby. – Ou prisioneiros de guerra? Isso é diferente, não é? – Ela de alguma forma sente-se impelida a defendê-los, mas por quê? Simplesmente porque eles não têm um advogado?

<sup>10</sup> “It is important to mention, though, that not once is the word rape used throughout the narrative to describe the sex act, which is ironic for two reasons. First, because it conveys the understanding that both parties need to know (as in have the cultural knowledge) of rape so that a forced sexual intercourse can be deemed such; secondly, because rape is one of the very practices Crake uses as an example of things to eradicate via the creation of creatures devoid of culture”.

- Que tal acabar de vez com esses neurolixos?
- sugere Rebecca.
- Eles são seres humanos como nós – retruca White Sedge – Embora isso por si só não seja uma defesa.
- Eles mataram nosso irmão – diz Shackleton.
- Escória de merda – diz Crozier.
- Estupradores e assassinos – diz Amanda.
- Atiraram em Jimmy – diz Ren chorando (Atwood, 2019, p. 419).

Mesmo em contexto pós-apocalíptico, utiliza-se o sistema democrático para decidir o destino dos Painballers: entre uma prisão improvisada ou execução. Na votação, Toby se sente pensativa sobre as circunstâncias que os fizeram violentos: simplesmente máquinas delineadas pelo sistema capitalista, tornando-os também uma vítima. Também White Sedge, outra participante da votação, argumenta que toda a agressividade dos Painballers é um resultado do tratamento ao qual foram submetidos na vida, acrescentando: “- É repreensível tirar a vida em quaisquer circunstâncias – diz White Sedge. – Não podemos deixar que nossos próprios padrões morais vacilem [...]” (Atwood, 2019, p. 420). Ademais, a autora sugere: “- Poderíamos tentar a reabilitação – diz White Sedge serenamente. – Introduzi-los na comunidade, mantê-los num lugar seguro durante a noite, deixá-los ajudar. Às vezes, quando as pessoas colaboram, isso contribui para uma verdadeira mudança [...]” (Atwood, 2019, p. 421), sendo rapidamente rebatida pelos demais quando argumentam que ela não havia percebido que não viviam mais na mesma sociedade pré-apocalíptica, que os padrões morais que antes os regiam agora precisavam ser repensados e readaptados. Interessante notar que, para julgar esses humanos, foram convidados, também, os porcões (seres geneticamente melhorados com tecido humano), os quais se comunicavam com os crackers e que também se sentiam ameaçados pelos Painballers. À vista disso, sabendo que a partir daquele momento se configuraria uma nova comunidade em que crackers, porcões e humanos conviveriam juntos, estipulou-se como justa a participação de todos.

O debate em torno da pena de morte confere ao Estado a responsabilidade de decisão sobre-

rana sobre um indivíduo a ele subordinado. É paradoxal quando uma instituição, a qual tem o dever de garantir a vida, acaba por deliberar quando ela termina. Um dos argumentos contrários à pena de morte é o de que, se o Estado não pode prover a vida, ele não tem o direito de tirá-la. Além do mais, posiciona-se como desmedida e antiética a decisão a partir de um entrave entre a nação e o cidadão-alvo. Ainda que a pena de morte elimine um indivíduo em específico, não diminuiria os índices de criminalidade que ele representa, além de carregar consigo uma bagagem emocional populista. Entretanto, o cenário que aqui se encontra é atípico: não há Estado; há a instauração de uma nova comunidade que se desenha entre humanos e não humanos, mas que considera e valida princípios morais da vivência social pré-apocalíptica da sociedade. Desse modo, no cenário de medo e sobrevivência, caos e ruína, em que inexistente qualquer possibilidade de reabilitação social dos criminosos, torna-se difícil categorizar como antiética a decisão posterior aos votos dos personagens do romance.

O psicanalista Bernard Miodownik (2020) trata das relações entre sujeitos nos contextos pós-apocalípticos, sugerindo que esse tipo de interação, em que há uma relação de respeito e convivência, é positiva para os caminhos éticos:

Quero chamar a atenção para outro enredo mais otimista. O grupo de sobreviventes que, apesar de conviver com emoções conflitantes entre tendências emocionais individuais e coletivas, consegue estabelecer uma situação grupal de cooperação mútua entre os integrantes. O que tenta ser mais “esperto” que os outros e quer se safar sozinho geralmente é o primeiro a sumir do mapa. Assim como se consome energia para fugir de zumbis ou caçá-los depois do apocalipse, também é preciso muito esforço para manter os padrões de convivência, colaboração, solidariedade e preservação coletiva para evitar a catástrofe do fim do mundo (Miodownik, 2020, p. 144).

Desse modo, colabora-se para um ambiente harmonioso em que a necessidade do outro é sobreposta aos seus desejos narcísicos. Segundo o autor, esse é um dos desafios para a ética de todos os séculos, principalmente no século XXI: que sujeitos em esvaziamento, em procura de

um preenchimento desse vazio, ainda aprendam, por meio das relações com o próximo, a se desenvolverem pessoalmente por meio da política de respeito e alteridade.

Em síntese, é possível observar que a subjetividade humana é essencial para guiar os caminhos da ética no percurso do transumanismo. Ao tratar-se da engenharia genética, conclui-se que ela tem um papel primordial nas obras analisadas, sendo utilizada na obra como uma ferramenta de melhoramento humano por meio de sua substituição. Ainda assim, a ética no transumanismo está ancorada sobre um leque de relativizações acerca do que se entende sobre o que é ser humano, sua subjetividade e até que ponto isso se torna conveniente ou não à ciência e seus beneficiários em um processo de alteridade.

Neste artigo, foram analisados os caminhos da ética em meio ao caos do Antropoceno. Tendo destaque o transumanismo, percebe-se que é característico da distopia haver uma desvalorização de corpos em nome do benefício de outros, provocando as desigualdades da sociedade. Com a expansão das inovações tecnológicas, as exigências sobre o corpo e a noção de humano ganharam maior foco, fomentando a noção utópica do melhoramento, distanciando os corpos de sua organicidade.

Nesse espaço, a noção de humano se distorce e se faz definitiva para a discussão da ética. Em *Oryx e Crake* (2003), a subjetividade humana é entendida como o cerne das mazelas da humanidade, ideologia que fundamenta o projeto de Crake e que, por conta de seus privilégios sociais e econômicos, ganha suporte para prosseguir com seus projetos. Ao criar os crakers como uma alternativa ideal à humanidade, Crake os projeta sem a principal característica humana: a subjetividade. Na teoria, esses seres pós-humanos são produtos da engenharia genética designados a viverem em condições de pré-humanidade, sem a capacidade de desenvolver linguagem e cultura. Entretanto, a utopia transumana de salvação do Planeta e repovoamento por meio da extinção de humanidade se mostra falha, visto que os crakers desenvolvem características humanas ao entrar

em contato com os sobreviventes da destruição do Projeto Paradise.

Desse modo, no contexto pós-apocalíptico, a ética ainda busca caminhos para sair da crise, pois carece de sujeitos que possam usar da linguagem para viver a experiência – característica exclusiva humana. Em determinados momentos, a dualidade “humano-não humano” define os novos rumos da ética em algumas situações, possibilitando definir o que é ou não moralmente aceito na sociedade. Ao abordar-se, em *MaddAddão* (2013), a discussão do estupro da personagem Amanda, por exemplo, tem-se que os julgamentos não recaíram sobre os crakers, pois estes também são desumanizados na obra.

As condições puramente biológicas dos crakers, longe da racionalidade, não se aproximam do capitalismo, da exploração, da diminuição de indivíduos, da destruição ambiental, da violência, da passionalidade, pois estão longe da esfera da complexidade. Entretanto, quando crakers e humanos passam a conviver juntos em uma nova configuração de sociedade, percebe-se a linguagem em exercício para conhecer o outro, compartilhar, debater sobre novos horizontes. Ao retomar Tiburi (2016, p. 112), reitera-se que “A maior parte de nossos atos está ligada a pensamentos não refletidos”; por isso, o poder da autorreflexão é imprescindível para combater o vazio da linguagem, a mera repetição de discurso ideológico e a insensibilidade nas relações. A singularidade do sujeito depende de um resgate de experiência e, para tanto, é fundamental o papel da linguagem, do ato de narrar, do falar de si – que requer autopercepção e autoconhecimento. Portanto, conclui-se que é na experiência compartilhada, na reflexão da ação e no exercício do reconhecimento e da alteridade que os indivíduos aprendem a viver e conviver com aqueles que dele se diferenciam: caso contrário, instaura-se uma perspectiva de vida individualista, narcísica e centralizadora de convivência, em que não há espaço para a ética. O aniquilamento da subjetividade humana não pode ser pensado como uma solução para a crise ética no Antropoceno. É através da singularidade

dos sujeitos que se encontra esperança para o preenchimento das lacunas da ética, tendo em vista que tal movimento possibilita uma abertura de mudanças para a liberdade do pensamento e para a reflexão das ações do eu com o Outro.

## Referências

ATWOOD, Margaret. *MaddAddão*. Tradução: Márcia Frazão. Rio de Janeiro: Rocco, 2019. Originalmente publicado em 2013.

ATWOOD, Margaret. Margaret Atwood: the road to Utopia. *The Guardian*, Londres, 14 Oct. 2011a. Disponível em: <https://www.theguardian.com/books/2011/oct/14/margaret-atwood-road-to-utopia>. Acesso em: 10 mar. 2022.

ATWOOD, Margaret. *O ano do dilúvio*. Tradução: Márcia Frazão. Rio de Janeiro: Rocco, 2011b. Originalmente publicado em 2009.

ATWOOD, Margaret. *Oryx e Crake*. Tradução: Léa Viveiros de Castro. Rio de Janeiro: Rocco, 2018. Originalmente publicado em 2003.

FERRANDO, Francesca. *Philosophical Posthumanism*. London: Bloomsbury Academic, 2019.

GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. *Micropolítica: cartografias do desejo*. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1996.

MARQUES, Eduardo Marks de. Human After All? Neo-Transhumanism and the Post-Anthropocene Debate in Margaret Atwood's MaddAddam Trilogy. *Revell: revista de estudos literários da UEMS*, Campo Grande, v. 3, n. 17, p. 178-190, 2017.

MARQUES, Eduardo Marks de. Children of Oryx, Children of Crake, Children of Men: Redefining the Post/Transhuman in Margaret Atwood's "ustopian" MaddAddam Trilogy. *Aletria: revista de estudos de literatura*, [s. l.], v. 25, n. 3, p. 133-146, 2015.

MARQUES, Eduardo Marks de. I Sing the Body Dystopic: Utopia and Posthuman Corporeality in PD James's The Children of Men. *Ilha do Desterro*, [s. l.], p. 29-48, 2013.

MATOS, Andityas. Utopias, distopias e o jogo da criação de mundos. *Revista UFMG*, Belo Horizonte, v. 24, n. 1/2, p. 40-59, jan./dez. 2017.

MIODOWNIK, Bernard. A ética psicanalítica, o eu e o mundo. *Revista Brasileira de Psicanálise*, São Paulo, v. 54, n. 4, p. 141-147, 2020.

MORE, M. The Philosophy of transhumanism. In: MORE, Max; VITA-MORE, Natasha. *The transhumanist reader: classical and contemporary essays on the science, technology, and philosophy of the human future*. Oxford: Wiley Blackwell, 2013. p. 3-17.

PENTEADO, Marina Pereira; TORRES, Sonia. O Antropoceno e a construção de novos mundos. *Abusões*, Rio de Janeiro, n. 22, 2023. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/abusoes/article/view/71323/48253>. Acesso em: 22 maio 2023.

REISS, Michael; STRAUGHAN, Roger. *Improving nature? The science and ethics of genetic engineering*. Cambridge: Cambridge University Press, 1996.

SOUSA, Renata Floriano de. Cultura do estupro - a prática implícita de incitação à violência sexual contra mulheres. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 25, n. 1, p. 9-29, 2017. ISSN 1806-9584.

TIBURI, Marcia. *Filosofia prática: ética, vida cotidiana, vida virtual*. 3. ed. Rio de Janeiro: Record, 2016.

---

## Eugênia Adamy Basso

Licenciada em Letras – Português e Inglês, mestrada e doutora em Letras pela Universidade Federal de Pelotas.

---

## Eduardo Marks de Marques

Possui graduação em Licenciatura em Letras – Português e Inglês pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1999), mestrado em Letras (Inglês e Literatura Correspondente) pela Universidade Federal de Santa Catarina (2002), doutorado em Australian Literature and Cultural History pela University of Queensland (2007). Atualmente é professor associado nível 4 da Universidade Federal de Pelotas e Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL).

---

## Endereço para correspondência

**EUGÊNIA ADAMY BASSO**

[geninha.ab@gmail.com](mailto:geninha.ab@gmail.com)

**EDUARDO MARKS DE MARQUES**

[eduardo.marks@ufpel.edu.br](mailto:eduardo.marks@ufpel.edu.br)

*Os textos deste artigo foram revisados por Araceli Pimentel Godinho e submetidos para validação dos autores antes da publicação.*